

Renato Cisneros

Deixarás a Terra

Tradução
Mário Dias Correia



À Natalia e Julieta, a minha família

Ao princípio, a energia de uma família surge da miséria. E essa miséria leva com frequência um membro da família a partir em busca de uma vida melhor, e por vezes desbrava o caminho para que os outros o sigam. Temos então uma família em ascensão, industriosa e motivada. E ao cabo de uma geração essa indústria pode produzir riqueza. E com a riqueza vem a posição social, inclusive a nobreza. E com a nobreza vem o orgulho, e tantas vezes a arrogância. A arrogância costuma ser o elemento que conduz ao declive, e com o tempo voltam à miséria.

GAY TALESE, *Unto the Sons*

Vivi cem anos a ignorar estas coisas: permitam que um velho desordene o que está escrito com aquilo que sabe.

ENRIQUE PROCHAZKA, *El porquerizo*

O SENHOR disse a Abrão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.»

Génesis, 12:1

Quem não julgou alguma vez os seus antepassados, as pré-histórias da sua carne e do seu sangue?

JORGE LUIS BORGES, *Eu Judeu*

Primeira parte

Capítulo 1

Lima, 2013

Naquele dia chegámos ao cemitério com a urgência de saber se era ou não verdade que a nossa tetravó Nicolasa estava enterrada ao lado do padre Gregorio. Era meio-dia. O Sol aquecia os túmulos e cegava os cães vadios que deambulavam à procura de uma sombra. Pouco a pouco, o silêncio do Presbítero Maestro foi-se dissolvendo, primeiro com a nossa respiração, depois com os passos tristes das poucas pessoas que àquela hora se mobilizavam para comunicar com os seus mortos.

A luz natural não tornava menos tétrico o labirinto daqueles pavilhões que pareciam compor bairros inteiros de edifícios de janelas seladas, jardineiras de flores murchas e cruces negras pintadas como lágrimas. Edifícios decrépitos, como que bombardeados, cheios de cadáveres cujos espectros haviam seguramente de aguardar a noite para vaguear por ali, a trocar esquecimentos, mistérios e pesares.

Ao passar os enferrujados portões de ferro que se erguem de tantos em tantos metros e põem o cemitério em comunicação com o mundo dos vivos, notámos que os guardas tinham abandonado os seus postos para ir em busca do almoço, ou talvez ainda não se tivessem apresentado ao trabalho, ou talvez não houvesse guardas que fossem ocupar, nem agora nem nunca, aqueles casinhotos desbotados que, de longe, pareciam sarcófagos vazios.

Sem informadores aos quais recorrer, demorámos uma hora a encontrar o talhão San Job, depois de termos feito falsas paragens em San Estanislao, San Joaquín e San Calixto, onde nos entretivemos com os

rostos doloridos dos arcanjos de pedra que coroavam as criptas e mausoléus de certos heróis republicanos.

Uma vez no San Job, guiado por uma intuição até então adormecida, o tio Gustavo avançou com passos lânguidos mas convictos em direcção às lápides do sector C e começou a percorrê-las com o olhar, repetindo três algarismos em voz alta:

Dois, cinco, três.

Dois, cinco, três.

Dois, cinco, três.

Parecia um sonâmbulo a enunciar o esconjuro que o devolveria à vigília.

Esteve nisto alguns segundos até que deu com a gaveta que procurava. Por trás de partículas de terra sedimentada e restos de teias de aranha já quebradiças, os dados escritos no mármore liam-se com nitidez.

Aqui repousa Doña Nicolasa Cisneros

Nasceu a 10 de Setembro de 1800

Faleceu a 3 de Janeiro de 1867

Por baixo, uma inscrição em latim:

Adveniat Regnum Tuum

«Venha o teu reino»

No fundo, mais do que um epitáfio, uma sentença:

«Os filhos amá-la-ão sempre»

Ao passar a mão pelo antebraço, senti a pele arrepiar-se. Sabia que ali dentro havia apenas um esqueleto estendido, carcomido pelas larvas, talvez envolto nuns trapos esfiapados que já não eram uma vestimenta; sabia-o, mas por um minuto quis acreditar que alguma coisa do espírito daquela mulher que tinha sido minha tetravó, estando a tão escassos

centímetros do nosso mundo, podia infiltrar-se por uma dessas gretas ou ranhuras que o calor abre no cimento, manifestar-se de uma forma pontual para aprovar a nossa visita ou correr connosco dali para fora para que deixássemos de importuná-la.

O tio Gustavo concentrou-se em limpar o vidro com um trapo. Ao princípio fê-lo com serenidade e delicadeza, como se lavasse a cabeleira de um moribundo, mas pouco depois com uma veemência desproporcionada. Havia nele qualquer coisa que precisava de vergar ou penetrar o bloco de cimento e profanar aquele depósito no afã de recolher por alguns minutos os escombros daquela senhora que, dois séculos antes, nos tinha legado o nosso apelido e reconhecer naqueles despojos a matéria de que também nós éramos feitos. Deteve-se de repente, ao reparar na escultura em baixo-relevo que se destacava no centro da lápide. Era a silhueta de uma mulher com uma criança nos braços.

– Repara bem – disse –, é uma mãe com o filho, está sozinha, não há pai.

Tomei nota da observação no meu bloco e continuei a examinar os pormenores da cena esculpida, atento a tudo o que pudesse conter um qualquer significado.

Não tinha terminado quando os meus olhos se sentiram atraídos ou interpelados pelo nome do morto da gaveta vizinha. Era a 255. A superfície estava coberta por remoinhos de pó que limpei com os dedos.

– Olha quem aqui está – disse ao tio Gustavo.

Algumas letras estavam desbotadas ou corroídas, mas as palavras escritas liam-se sem dificuldade. Quando o tio Gustavo se voltou, as veias dilatadas das suas pupilas ramificaram-se sob o efeito da surpresa ou do susto.

– Estás a ver!? Era verdade! – reagiu, numa alusão aos papéis que dias antes tínhamos encontrado no arquivo arcebispo, nos quais se dava a entender, ou nós assim quisemos entendê-lo, que Nicolasa e Gregório, num último gesto justiceiro, reservaram tumbas contíguas para partilhar a eternidade numa proximidade que lhes fora proibida em vida. O tio Gustavo, de óculos na testa, pôs-se a um centímetros da pedra, para se certificar.

8 de Dezembro de 1865
Aqui jaz o doutor Gregorio Cartagena
Cura de Huácar

Não precisei de olhar para o rosto do tio Gustavo para saber o que se passava no seu íntimo. Longe de desmoronar-se, senti que, aos oitenta anos, revivia. Como se aquela descoberta tivesse dado um repentino sentido à sua arqueologia de décadas. Ou como se alguém acabasse de responder à pergunta que, nos tempos do exílio em Buenos Aires, fazia ao pai e a que ele nunca respondera: «Quem foi o teu avô, papá?» Ou como se voltasse a introduzir-se por alguns segundos no corpo do rapaz de quinze anos recém-chegado a Lima que uma manhã, quem sabe se num meio-dia igual àquele, entrara pela mão de Agripina, a única das suas tias que não calava segredos, naquele cemitério, na altura mais arborizado ou menos triste, e ouvira pela primeira vez falar daquelas tumbas. «As tumbas dos amantes», sussurrara Agripina sem acrescentar mais nada, semeando nele uma dúvida destinada a crescer até tornar-se insuportável, e também uma recordação que permaneceria anos sepultada.

– Já tinha estado aqui – balbuciou o tio Gustavo.

Olhou em redor, como se acabasse de ter uma revelação e de repente reconhecesse o que o rodeava. Ao contemplá-la naquele momento, a sua vida inteira – curtida pela perda da primeira mulher, a partida de vários filhos, os incontáveis deslizes amorosos, o dinheiro gozado às mãos cheias, a posterior bancarrota e a persistência em preservar a quase extinta mística familiar – pareceu-lhe de súbito justificada frente ao paredão dos mortos.

Concluída a nossa expedição necrológica, saímos sem dizer uma palavra, deixando para trás os cheiros râncidos do cemitério. Caminhámos longos quarteirões, bordejando a grande avenida, até apanharmos um táxi rumo a um restaurante em Miraflores que o tio Gustavo dizia conhecer. Com o passar dos minutos, apercebi-me de que lhe custava reconhecer ruas e becos, que continuava mergulhado numa perplexidade que o desorientava. Por três vezes o motorista queixou-se das suas indicações incorrectas e esteve à beira de nos expulsar do carro. A meio do trajecto,

como se fosse uma maneira de certificar o que acabávamos de descobrir e que ainda parecia uma ficção, disse-me:

– Viste? Eu bem te tinha dito. A velha e o padre foram enterrados juntos.

No espelho retrovisor o taxista ensombreceu o olhar.

Chegámos por fim ao restaurante, situado no Jirón Tarapacá, e sentámo-nos a uma mesa junto a uma janela que oferecia uma generosa perspectiva da Avenida Arequipa. Do outro lado do vidro adivinha-se o rumor inesgotável da rua: o movimento das pequenas lojas, os transeuntes aglomerados numa esquina à espera de um autocarro que tardaria vários minutos a chegar, bandos de aves cor de alumínio que fugiam das buzínadas e das vedações electrificadas. A cidade mergulhada no seu habitual desconcerto. Depois do primeiro dos muitos uísques que beberíamos naquela tarde, pus em cima da mesa o meu gravador ligado e pedi ao tio Gustavo que repetisse a história que me contara tantas vezes e que desde há alguns anos vínhamos a reconstruir juntos; ele com apontamentos milimétricos, eu com desordenada obsessão.

– Agora quero escrevê-la – disse-lhe, de trás do copo.

Ele compôs uma expressão de contentamento e cautela: a expressão de alguém que se resignou a abdicar e transferir o seu projecto mais valioso, um projecto que merece sobreviver e ser apreciado por alguém, que se manteve inexplicavelmente oculto e que agora depende de outras mãos.

– Se não a contas tu, ninguém o fará – decretou, com pena.

Pouco depois iniciou o relato, conhecido e todavia sempre novo, dos acontecimentos ocorridos em Huánuco nos anos 20 de há dois séculos, quando ainda estavam vivos os homens e mulheres que agiram e tomaram decisões sem saberem que se converteriam em nossos antepassados; homens e mulheres combativos, mas também medrosos, de cuja passagem pelo mundo já só restam esquírolas.